

Editorial

Álvaro Campelo e Daniel Seabra

Na sequência de um longo percurso que se iniciou em 1997 no âmbito da licenciatura em Antropologia da Universidade Fernando Pessoa, a revista ANTROPOlógicas publica agora o volume correspondente ao n.º 19, procurando manter os objetivos que nortearam a sua criação. O título da revista não deixa dúvidas acerca da área científica nuclear em que ela se insere.

A Antropologia consolidou-se como Ciência de direito próprio ainda no século XIX, com o surgimento das primeiras sociedades de Antropologia e Etnologia, em Inglaterra (1822) e em França (1839). Acedeu também à Academia em consequência dos trabalhos desenvolvidos por Edward Tylor (1861), os quais já recorriam a metodologia tida como científica e mesmo à estatística. Na sua obra intitulada *Primitive Culture*, Tylor tomava já a religiosidade ancestral como temática da Antropologia. Este posicionamento foi assumido nos três séculos que esta Ciência Social perpassa, sempre identificável e claramente demarcada de outros campos do conhecimento, não apenas pelo vasto contributo teórico para a reflexão sobre a sociedade e sobre a cultura, mas, sobretudo, pelo recurso a uma metodologia peculiar e, por isso mesmo, diferenciadora de outras áreas científicas, ao longo dos anos.

A Antropologia assumiu assim uma identidade própria, com metodologias específicas, bem refletidas no primeiro texto que este número publica. João Ramos, Jean Favaro e Hieda Corona, em “Ancestral knowledge and the cosmopolitics of healing in Afro-Brazilian religions”, trataram os saberes ancestrais e a cosmopolítica da cura nas religiões afro-brasileiras. A investigação resultou de um longo trabalho de campo realizado entre 2011 e 2020, na região sul do Brasil, nos Estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Partindo das religiões afro-brasileiras ancestrais, e considerando os seus múltiplos rituais, os autores demonstram que estes são uma encruzilhada para onde confluem diversas dimensões, tais como territorialidades, ícones e lugares de poder. Esta encruzilhada não se limita à cultura. Nesta está presente a natureza, pela sua fauna, flora e até os minerais, com a qual o homem se relaciona e a partir da qual constrói a cultura.

Os rituais de cura considerados neste texto não se confinam, portanto, a uma dimensão mágico-religiosa. Pelo texto agora publicado se compreende que os mesmos expandem o conceito de saúde e doença para uma dimensão holística – tão caracterizadora da Antropologia – remetendo para uma compreensão ampla da relação entre a natureza e a cultura, ambas fundamentais para a compreensão do ser Humano. No entanto, nunca como atualmente as definições do que é a ‘cultura’ e o que é a ‘natureza’ foram tão discutidas. E essa discussão faz-se na sequência da delimitação ou exceção do humano, entre os demais seres, ou ainda da discussão entre humanos e os não humanos. Os trabalhos de Philippe Descola (*Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005) e de Tim Ingold (“The Perception of the Environment” (*Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, 2000) revolucionaram, mesmo sendo diferentes entre si, o olhar sobre as ‘ontologias’ das ‘coisas’ e das suas expressões. Não se pode entender a ‘cosmopolítica’ da cura entre religiões afro-brasileiras sem uma profunda imersão de trabalho de terreno que permitam superar os olhares e as conceções enviesadas de uma análise positivista unidirecional. A análise das práticas e crenças religiosas, a partir do trabalho etnográfico, permite, depois, a elaboração dos discursos comparativos da Antropologia, onde o evidente e o suposto, o visível, o aparente e o invisível, se conjugam para a compreensão das vivências dos crentes. Superar essa fronteira entre a cultura e a natureza, continuamente transgredida nos dados recolhidos pelos dois autores, é a possibilidade que a Antropologia contemporânea fornece para um novo olhar sobre as práticas sociais.

Por sua vez, o artigo intitulado “Trilhando para a felicidade – sobre a presença e alcance da ética da virtude esportiva no domínio do «trekking»”, de autoria de Juliano Souza e Rui Garcia, é publicado no contexto da abertura da revista a outras áreas temáticas adjacentes, no respeito pela vocação interdisciplinar e eclética que norteia a ANTROPOlógicas. Não sendo um trabalho da área específica da Antropologia, o seu contributo para o debate na área dos estudos do desporto justifica a sua publicação.

Apresentando duas partes distintas, este artigo toma como primeiro desafio a tentativa, desafiante e problemática, de esboçar uma ética da virtude desportiva. A este seguiu-se um outro que consistiu em procurar demonstrar como esta está presente na atividade de «trekking». Para tal foram tomados por base relatos da prática desta modalidade e impressões subjetivas que da mesma resultam, sobre as quais os autores trabalham e interpretam. O exercício teórico e demonstrativo afigura-se de risco, cabendo aos leitores apreciar e avaliar o ‘processo demons-

trativo' e as consequências teóricas que daí resultam. De facto, o ensaio de Dan Sperber, intitulado "Etnografia Interpretativa e Antropologia Teórica", publicado na sua obra *O Saber dos Antropólogos* (1992), poderá revelar-se como um exemplo do contributo seminal da Antropologia para constatar a adequação interpretativa desta demonstração.

Dois trabalhos desafiantes, em áreas temáticas de especialização científica distintas, mas que nos colocam questões para as quais as sociedades são convidadas a refletir: desde as sociedades e práticas religiosas afro-brasileiras às sociedades que buscam um sentido para práticas desportivas, superando o risco e buscando a felicidade.